

Capitão de longo curso

JOSÉ CARDOSO PIRES

Nenhum brasileiro está tão ligado como ele à nossa liberdade, nenhum permanece tão íntimo de nós no quotidiano que vivemos e no curso da nossa escrita.

Por isso o vamos receber, aqui no cais da Lusitânia, com as bênçãos de Camões e a alegria de quem festeja uma verdade saudável. Dir-lhe-emos: obrigado pelas navegações que descobriu no mundo que nos é comum pela língua e pelo sentimento. E que venham mais estórias para o ler e para o ouvir, Jorge Amado.

Agora, sim, depois de João Cabral de Melo Neto, é a vez de prestarmos homenagem a outro grande do Brasil que prolongou a língua portuguesa por caminhos que nos são tão queridos como aqueles por onde nós próprios, portugueses, a vamos trabalhando. Senhor duma trajectória universal sem paralelo na literatura do Brasil e de Portugal, Jorge Amado averba no seu livro de bordo uma longa viagem na nossa história política e cultural que jamais poderemos esquecer.

Direi, com algum risco de erro, que começou sessenta anos atrás no encontro com Ferreira de Castro, mas quem ler as memórias da sua **Navegação de Cabotagem** reconhecerá que, no cruzamento das rotas de liberdade traçadas por Jorge Amado, Portugal foi sempre uma referência de desvelo e inquietação.

Falo disto com particular significado no momento em que o festejamos em solenidade maior. Lembro o Brasil que ele re-

presenta para nós, escritores portugueses, e da gratidão que devemos à Universidade e aos intelectuais brasileiros na luta contra a Ditadura que nos amordaçava. E pensando nisto, penso em Álvaro Lins e na coragem com que ele enfrentou o tiranossauro Salazar num combate clamoroso onde, vim a saber recentemente pelas **Conversations**, de Alice Raillard, estava também Jorge Amado.

Da fraternidade de cidadão à presença que o destacou e lhe deu carisma no arquipélago das letras portuguesas, não será necessário acrescentar um sublinhado ao muito que dele se sabe e se tornou nosso. Mas há uma idade de ouro neste Capitão de Longo Curso, que recorde sempre com ternura: aquela em que os neo-realistas portugueses e a juventude dos anos 40 o descobriram, deslumbrados.

Amado era então um jovem Capitão da Areia carregado de pureza e de luzes mágicas. Uma voz tão nova e tão inconfundível que chegou aos **Meninos do Tejo**, de Alves Redol, e aos pequenos deserdados dos **Esteiros**, de Soeiro Pereira Gomes, como um apelo, um desafio. Seguiram-no, estudaram-no com comoção. E foi por eles que Jorge Amado ocupa um lugar de referência na História da Literatura Portuguesa dos nossos dias.

Vou vê-lo chegar, não tarda, de astrolábio na mão e com Dona Zélia em deusa de proa. Segui-lo-ei de perto porque sei que vem carregado de estórias para contar naquele tom de escrita que só ele sabe e que o faz ser escutado para lá de todos os meridianos e por cima de todos os ventos.